

A boa polêmica

JOSÉ ROBERTO ARRUDA

Governador do Distrito Federal

Na década de 1990, grande polêmica marcou a França. Eram os últimos anos do governo François Mitterrand e tratava-se da construção de uma pirâmide de vidro modernista na entrada principal do Museu do Louvre, conjunto arquitetônico do século 12. Os intelectuais franceses dividiram-se entre os que consideravam o projeto afronta ao tombamento da cidade e os que o consideravam um ousado e instigante encontro entre dois estilos arquitetônicos.

Duas décadas antes, Paris tinha sido palco de outra interessante polêmica: a construção do Centro Cultural George Pompidou, obra metálica tubular e colorida no meio de uma praça de prédios tradicionais e seculares. Dos pequenos cafés parisienses aos grandes jornais da França e do mundo inteiro, passando pelas universidades, a polêmica foi capaz de criar artigos e textos da maior competência e com os melhores argumentos e opiniões frontalmente opostos.

No Brasil, não foi pequena também a polêmica na Igreja da Pampulha. Durante um bom tempo a Igreja Católica negou-se a abençoá-la, dizendo tratar-se de templo profano. A igrejainha da Pampulha rompia paradigmas, era diferente de tudo, de qualquer outra igreja. Lembro-me ainda da polêmica do aeroporto de Brasília, quando o projeto do Oscar Niemeyer acabou afastado.

No fim da década de 1970, outra grande polêmica. Os militares, já no fim do período autoritário, tinham permitido à dona Sarah a construção do Memorial JK, mas não admitiam aquela estátua do presidente Juscelino no alto, pois era sustentada por um pedestal que lembrava a foice e o martelo do Partido Comunista. Lá estava o Oscar metido no centro de outra grande polêmica.

Vamos à polêmica do momento: a Praça da Soberania. Recebi do Oscar Niemeyer, nestes meus primeiros dois anos de governo, cinco projetos: a torre da TV Digital, a Praça do Povo, a Escola Raphael Rabelo (ao lado do Clube do Choro), o Ceilambódromo e a Praça da Soberania. Desses cinco projetos, licitamos e iniciamos apenas a construção da Escola de Música Raphael Rabello, que atende crianças, na maioria carentes, e a Torre de TV Digital.

A torre, de 150 metros, no alto do Colorado, não é apenas uma exigência da era digital, mas vai se transformar no grande ponto de atração turística de Brasília. Dela

poderemos vislumbrar o infinito do Planalto Central, todas as dimensões da nossa capital. A torre reinventa o conceito tradicional, desequilibrada em dois braços suspensos, em alturas diferentes. Pela beleza dos seus traços, estou certo, será o grande marco da comemoração dos 50 anos de Brasília. Vai se tornar para a nossa cidade o mesmo ícone que o Cristo Redentor é para o Rio e a Torre Eiffel para Paris.

Quanto aos outros projetos, não há recursos neste momento para realizá-los. A crise econômica obriga-me a priorizar a conclusão das obras de infraestrutura nas áreas mais carentes, como Arapoanga e Mestre D'Armas, em Planaltina; Vila São José, em Brazlândia; Vila Estrutural, Itapoã; São Sebastião, Riacho Fundo; Pôr do Sol, Sol Nascente, Porto Rico, onde vivem mais de 500 mil pessoas humildes, há 20 anos esperando pela água, pelo esgoto, a energia e o asfalto.

Mas gosto muito da polêmica suscitada. Primeiro, porque mostra a cidade viva, participando das decisões. Muito interessante ver eminentes professores de arquitetura de várias universidades em posições tão opostas. E me sensibiliza ver Oscar Niemeyer, aos 101 anos, inquieto, vibrante, criativo, polêmico como todo gênio da raça, a desafiar o tempo e as opiniões contrárias, defendendo suas convicções e seus projetos.

É bom lembrar que em 1987 o próprio Lucio Costa, aos 85 anos, teve oportunidade de reestudar o plano urbanístico da capital no seu projeto Brasília Revisitada. O importante é que Brasília recebe todas essas contribuições às vésperas de comemorar o seu cinquentenário. Sobretudo, a contribuição do arquiteto que a inventou com seus traços geniais, escrevendo nova página da história da arquitetura mundial. Mas não menos importantes são as contribuições de todos os que, vivendo a cidade, expõem suas diferentes perspectivas.

Curioso e marcante nessa bela e elegante polêmica é ver pessoas de todas as classes defender Brasília como único bem contemporâneo tombado pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade. Então, ótimo, o tombamento já é unânime. Que bom!

Feliz com esta inquietação de uma cidade que quer definir o próprio destino, penso ser oportuno, como governador, aceitar a sugestão de Niemeyer e convidar todos os ilustres arquitetos, urbanistas, jornalistas e estudiosos que participam deste debate para um encontro onde discutiremos não apenas esse projeto, mas, quem sabe, outras questões ainda mais relevantes para a cidade.

